

FOTOS: DIVULGAÇÃO



O filme *Dov' é Meneghetti*, segundo curto de Beto Brant, recebeu os kikitos de ator e fotografia no Festival de Cinema de Gramado em 1989



Marcos Mendes, professor de cinema: "A profissão do sonho não tem salário"

As dificuldades começam na própria formação

As dificuldades para quem decide ser cineasta no Brasil podem começar pela formação. Em Brasília, particularmente, o curso de cinema da Universidade de Brasília está com o vestibular fechado desde o segundo semestre de 1990 por carência de professores e material técnico de ensino. "Decidimos represar o acesso ao curso numa tentativa de ganhar tempo para melhorar suas condições", informa o professor Marcos Mendes, responsável por quatro disciplinas: História do Cinema, Análise do Filme, Documentário e Cinema Brasileiro.

de 35 milímetros. Isso resolveria os problemas na parte de formação técnica do curso. Mas ainda seria necessária a contratação de pelo menos três professores, avalia Mendes.

Fundado em 1962, pelo crítico Paulo Emílio Salles Gomes, o curso de cinema da UnB é um dos mais antigos do país. Em compensação, até hoje não foi reconhecido pelo MEC, o que ocasiona mais um problema para os alunos. "Existe uma tentativa de obter o reconhecimento legal para o curso", garante Marcos Mendes, "mas ela virá bem mais rápido se o acesso ao curso for reaberto".

Aluno - José Eduardo Belmonte, um dos raros alunos do curso, acha que a melhor forma de se aprender a fazer cinema é fazendo. Mas também não descarta a importância da formação acadêmica. "A universidade é um local bom, pois te dá oportunidade de ver e estudar criticamente muitos filmes, gêneros e estilos". O campo de trabalho restrito não foi suficiente para intimidar sua decisão de prestar vestibular para cinema, cinco anos atrás.

Belmonte havia trabalhado numa produção como assistente e desde então concluiu que o que ele fazia melhor era trabalhar com imagens. Realizou dois videoclipes para bandas locais, ambos exibidos com sucesso pela MTV e, desde então, ingressou na publicidade como free-lancer. No momento, prepara seu primeiro filme, um curta em 16 milímetros, que será realizado em forma de cooperativa. Sem título por enquanto - "Detesto fazer título", confessa - Belmonte adianta apenas que será uma anti-ficção científica, escrita por ele e o amigo Ricardo Novaes.

Não há bons comentários sobre o cinema feito atualmente no Brasil. "Com algumas exceções, percebo problemas na forma de narrar. Até mesmo os curtametragistas que me despertaram o desejo de fazer cinema nos anos 80, agora parecem voltados para o próprio umbigo. Belmonte se forma no final deste ano e não tem dúvidas de que o curso deve permanecer. Faz eco com o professor Marcos Mendes que conclui refletindo: "A função da universidade é de resistência cultural e artística. Não podemos deixar a arte morrer só porque o campo de trabalho é restrito. A profissão do sonho não tem salário".

Uma idéia na cabeça

LILIANE MACHADO

O que há em comum entre o paulista Beto Brant e as brasilienses Liloye Boubli e Ana Cláudia Porto? A vontade incontrolável de fazer cinema que, independente do estilo adotado em suas obras e dos parâmetros, os reúnem numa batalha quixotesca contra as dificuldades de trabalho impostas pela arte no país. Liloye e Beto ganharam recentemente o prêmio Resgate do Cinema Brasileiro, realizado pelo Ministério da Cultura, que os contemplou com verbas para realizarem produções novas - Beto na categoria de longas estreantes e Liloye na de curtas. O dinheiro não é suficiente para a produção total, mas nenhum pensa em desistir. Foram picados pelo vírus do cinema e não há remédio contra o mal.

Os três são rotulados no Brasil de hoje como jovens cineastas. Ana Cláudia Porto, 25 anos, formada pela Faculdade de Cinema da Universidade de Brasília, foi a ganhadora no ano passado do Prêmio OK de Cultura, categoria cinema, por seu curta de estréia *Sendo Assim*. Trabalha como roteirista do Centro de Produção Cultural e Educativa da UnB e, paralelamente, cursa a faculdade de publicidade. Ela vai seguir o caminho da maioria dos seus colegas que fazem cinema porque gostam e publicidade para sobreviverem.

"Criar imagens" - Beto, 29 anos, conta que foi chamado para criar comer-

ciais logo depois que seu segundo curta - *Dov' é Meneghetti?* recebeu os kikitos de ator e fotografia no Festival de Cinema de Gramado de 89. Sua carreira havia começado em 87, quando realizou *Aurora*, melhor filme na bitola de 16 milímetros do Festival de Brasília. Em 93 fez *Jó*, premiado no Festival de Cuba. Ao preparar seu primeiro longa, *Os Matadores*, ele admite que o trabalho de realizar um filme é imenso, em compensação, "o prazer de criar imagens" é maior ainda.

"Cinema é uma arte cara, restrita a uma elite. Ficamos sem qualquer tipo de política para a área durante muito tempo. A classe voltou a se movimentar agora, com a criação da Lei do Audiovisual e com o prêmio do MinC, uma espécie de bingo que contemplou muito poucos", opina o cineasta. O roteiro do filme *Os Matadores* foi feito por Fernando Bonassi e Victor Navas, inspirado no conto *Matadores*, de Marçal Aquino. A história se passa na fronteira do Brasil com a Bolívia, colocando em confronto matadores profissionais com traficantes e revelando traços do Brasil central.

O cineasta estima que 40 por cento das filmagens serão realizadas em Mato Grosso e o restante em estúdio, em São Paulo. Antes de definir os atores ele quer submetê-los a testes para certificar-se de que se identificam com os papéis. Ainda não tem data definida para o início das filmagens pois a verba do prê-

mio não garante o orçamento total das despesas.

Tangerine Girl - Dos mais de cem roteiros de curtas e médias inscritos no prêmio MinC, foram selecionados apenas 25, entre os quais *Tangerine Girl*, escrito por Emiliano Queiróz sob encomenda de Liloye Boubli, 31 anos. A diretora de *O Guarda-Linhas* acabou sendo a única cineasta de Brasília contemplada com o prêmio. Prepara as filmagens para o início de julho, que deverão se realizar no interior do Ceará. A história, inspirada num conto de Raquel de Queiróz, é ambientada nos anos 40, durante a Segunda Guerra, quando foi instalada uma base militar americana em Fortaleza.

Liloye também está entre as concorrentes do Prêmio Cineclube Banco do Brasil para Filmes de Curta-metragem, realizado pela TV Bandeirantes. Publicitária free-lancer, ela conta que quando está preparando um novo filme fica completamente mobilizada pelo trabalho. "O Cinema é como uma cachaça, que nos atrai. Quando realizei *O Guarda-Linhas* estava grávida e minha filha acabou nascendo prematura, tamanha a intensidade do meu envolvimento com as filmagens. É uma força maior que a gente", confessa.

Ana Cláudia Porto também não sabe explicar com clareza o que a fez decidir-se pelo curso de cinema, apesar de ser um mercado de trabalho restrito, cujo resultado financeiro é desanimador. "Acho que foi por teimosia. Desde criança já tinha decidido que iria ser cineasta. Mas sei das dificuldades e, por isso, já prestei vários concursos para tentar garantir a sobrevivência". Como roteirista do CPCE (Centro de Produção Cultural e Educativa da UnB) ela está próxima da área, trabalhando com vídeos, campo menos caro e complicado do que o cinema.

Preferências - A fonte inspiradora destes jovens cineastas é diversificada. Beto Brant se afina com o cinema underground norte-americano, citando Hal Hartley, Quentin Tarantino e também o francês Leos Carax e o espanhol Bigas Luna. Para Liloye, todos os cineastas que a retirem do cotidiano são admiráveis, particularmente o Win Wenders de Alice nas Cidades. Ana Cláudia prefere falar em admiração e não em inspiração para evitar a pretensão de se parecer com seu cineasta preferido, o francês François Truffaut.

Entre os brasileiros, o preferido de Beto é Carlos Reichembach, o de Liloye é o curtametragista Jorge Furtado e Ana Cláudia diz que não se identifica com ninguém, pois em todos sente "uma tendência regionalista e rural" que não lhe dizem nada. Com suas obras e teimosia eles estão renovando o cinema brasileiro, evitando que a arte mais cara do planeta morra de inanição.

Entre os brasileiros, o preferido de Beto é Carlos Reichembach, o de Liloye é o curtametragista Jorge Furtado e Ana Cláudia diz que não se identifica com ninguém, pois em todos sente "uma tendência regionalista e rural" que não lhe dizem nada. Com suas obras e teimosia eles estão renovando o cinema brasileiro, evitando que a arte mais cara do planeta morra de inanição.



"O cinema é como cachaça, que nos atrai. É uma força maior do que a gente."

Liloye Boubli

mentos, em compensação não temos equipamentos por falta de alunos", informa desolado.

Projeto - Atualmente o curso dispõe de apenas três professores, além de um convidado, que tem contrato temporário e de poucos equipamentos (a maioria necessitando reparos) na bitola de 16 milímetros. Seis alunos estão matriculados, mas apenas dois frequentam regularmente as aulas. Quem mais se beneficia das disciplinas oferecidas pelo curso são os alunos de Publicidade, Jornalismo e Radialismo.

Marcos Mendes tem um projeto para o curso o qual prevê sua interação com o Instituto de Artes e o Centro de Produção Cultural e Educativa (CPCE), que dispõe de equipamentos